

**ROLAND BARTHES — Escritores, Intelectuais, Professores e Outros Ensaios**, Lisboa, Editorial Presença, 1975, 223 pp.

Roland Barthes, disqueteando sobre assuntos gerais de interesse da cultura, escritores, intelectuais, professores na primeira parte e, na segunda, concedendo substanciosa entrevista a Jean Thibaudeau, eis o livro.

O volume é apresentado por Arnaldo Saraiva e os artigos de Barthes, colhidos nas revistas *Tel Quel*, *Poétique*, *Critique* e *Cahiers du Cinema*, dentre outros, foram traduzidos por Graciete Teixeira, Arnaldina Sousa, Filomena Paupério, Manuela Barbosa, Aurélia Couto e Fátima Candeias.

Inicialmente, o A. trata da fala, do ensino, do discurso, do professor e da relação docente e aqui especialmente revela-se original, não aceitando as idéias preconcebidas, mas repondo em novos termos a situação do professor e do aluno. No trabalho docente, aparentemente se pode pensar que o professor fica conhecendo os alunos. Barthes assinala que o que se verifica é justamente o contrário, que o professor é que se dá a conhecer pois que é o elemento que propõe o discurso, permitindo a verificação mesmo numa dimensão psicanalítica:

“Como é que se pode comparar o professor com o psicanalista? É exatamente o contrário o que se passa: é ele o psicanalizado.

Imaginemos que sou professor: falo, sem fim, diante de e para alguém que não fala. Sou aquele que diz EU (que importam os rodeios do “sujeito indeterminado” do nós ou da frase impessoal), sou aquele que, a pretexto de “expor” um saber, propõe um discurso, que nunca sei como é recebido”. (p. 31).

Portanto, o livro já apresenta um caráter valioso, dada a inovação na proposição dos fatos reais sobre o trabalho do professor, não se aceitando idéias preconcebidas sobre o ensino. E indiretamente Roland Barthes toca num aspecto fulcral da comunicação: poderá o discurso proposto pelo professor ser igual ao recebido pelo aluno? Sabemos que (agora posição nossa) tal não é possível, dadas as diferenças do grau de conhecimento, de experiência, de maturidade, é de se esperar que em condições normais o discurso do professor chegue sempre “degradado” até o aluno, que há sempre uma

“diferença” (na acepção de Jacques Derrida) entre o discurso em si e a sua ressonância no objetivo visado. Assim, do discurso original restariam apenas resíduos, vestígios.

Outros capítulos importantes são reservados ao problema da investigação e ao “em nome de que”. No primeiro deles, Roland Barthes lembra que para chegar ao conceito, faz-se necessário que se tenha alguma noção do resultado, em vista do que se procura:

“O que é uma “investigação”?

Para o saber, é preciso ter alguma idéia do que é um “resultado”.

O que é que se descobre? O que é que se quer descobrir?

O que é que falta? (p. 36).

A importância das afirmações de Barthes, nesta altura reside no fato de que em todo campo de pesquisa, cumpre delimitar uma área bem como fixar um objetivo a atingir. Se todas as pesquisas e investigações fossem precedidas desta análise rigorosa, com certeza, seria mais fácil atingir o alvo proposto em todo trabalho intelectual seja de natureza científica ou não. Na verdade, porém, ao exigir condições de resultado e delimitação do que buscar, naturalmente está se impondo um caráter científico e não é por acaso que Roland Barthes, no final do capítulo, relembra o caráter histórico mas também científico da investigação:

“É este o papel histórico da investigação: ensinar ao sabido que fala (mas se ele o soubesse, escreveria — e toda a idéia de ciência, toda a cientificidade seria mudada por isso). (p. 37).

No capítulo “Em nome de quê?”, Roland Barthes repõe uma questão que coloca em causa o pronunciamento do ser. Realmente, e agora tentando ampliar, usando o campo de Barthes: quando o professor fala ou escreve, quando o escritor produz em nome de que ele se pronuncia? Até onde ele é ele e até onde ele é o que o formou. Na verdade é difícil separar o ser daquilo que é a sua cultura, daí a dificuldade do eu saber em nome do que fala:

“Falo em nome de quê? Duma função? Dum saber? Duma experiência? Que represento eu? Uma capacidade científica? uma instituição? um serviço? Na verdade falo só em nome duma linguagem: é porque escrevo que falo: a escrita é representada pelo seu contrário, a fala.” (p. 43).

Mais adiante, Roland Barthes volta a se pronunciar sobre a atividade docente, na tentativa ainda de esmiuçar o assunto, já algo dissecado em páginas anteriores, agora para se apro-

fundar no lugar que ocupam ou podem ocupar os elementos do ensino:

“O problema não é abolir a distinção das funções (o professor/o estudante: afinal de contas, a ordem é uma garantia do prazer, ensinou-nos Sade), mas proteger a instabilidade, e se pode dizê-lo, a vertigem dos lugares de fala. No espaço docente, ninguém deveria estar no seu lugar em lado nenhum (tranqüilizo-me com esta deslocação constante: se por acaso encontrasse o meu lugar, não fingiria mais ensinar, renunciaria a isso). (pp. 47-48).

Em outras palavras, para Barthes, se bem o entendemos o espaço docente (que vai do professor ao aluno) é um espaço de busca constante, e afinal infinito, pois nunca o ser encontra o seu lugar e se julgasse que tal ocorrera, deveria renunciar ao ensino, que constitui constante aprendizado. Ainda mais, Barthes retira a idéia de que o ser possa realizar-se no espaço docente, que se revela então como um constante vir-a-ser.

Antes de passar às respostas dadas na entrevista a Jean Thibaudeau, cumpre acentuar a importância das idéias sobre a comunicação no capítulo “A Fala tranqüila” e sobre a crítica e os discursos em “A escrita como valor”.

Na informalidade do tom da entrevista, Roland Barthes, destaca aspectos de sua formação, do seu meio e história sua presença na atividade estruturalista, desde *O Grau Zero da Escritura*, seu primeiro livro, passando por *Mitologias* e *Sistema da Moda* chegando até *S/Z*. Depreende-se de todo este longo capítulo do livro, a humildade que presidiu sua atividade nos estudos literários e a força de vontade de que teve de munir-se para vencer os graves percalços em sua vida.

Tudo se revela de importância neste capítulo em que Barthes depõe diretamente sobre suas vicissitudes na vida que, apesar de tudo, não impediram a sua ascensão bastante rápida no panorama da crítica literária francesa. Talvez, no entretanto, valha a pena assinalar um momento em que Roland Barthes faz uma profissão de fé, por assim dizer, da sua atividade:

“Quanto à oposição mais precisa da ficção e da crítica, tive ocasião de dizer que ela se abolia, ao mesmo tempo na crise atual do romance, na da crítica e no triunfo do Texto. Digamos que no estado transitório da produção atual, os papéis estão simplesmente confundidos, sem estarem ainda abolidos: quanto a mim, não me considero crítico, mas antes um romancista, escritor, não do romance, é verdade, mas do “romanesco”: *Mythologies*, *L'Empire des Signes* são romances sem história, *Sur Racine* e *S/Z* são romances sobre histórias, *Michelet* é uma parabiografia, etc.

Os outros capítulos são dedicados ao estudo teórico sobre a análise estrutural da obra literária, a *Aziyadé*, de Pierre Loti e aos fotogramas de S. M. Eisenstein, o que revela a extrema versatilidade de Barthes, na preocupação com a crítica cinematográfica.

Ao fim e ao cabo, o presente volume de Roland Barthes, vale como depoimento sobre suas atividades de escritor, professor e intelectual num sentido amplo e por nos dar a conhecer a difícil escalada para atingir um dos pontos mais altos da atual crítica literária na França em particular e na Europa, em geral. Leitura que se revela obrigatória aos teóricos da literatura e aos professores universitários em geral.

JOÃO DÉCIO